

## MEMORIAL DA SAUDADE

**Francisco Marialva Mont'Alverne Frota**

“E enquanto anoitece, vou  
lendo sossegado e só  
As cartas que meu avô  
Escrevia a minha avó.”

(Cartas de meu avô — Manuel Bandeira)

### 01 — **As forças do amor**

É extraordinário e comovente que a memória de uma vida feliz, roubada tragicamente aos encantos de sua família aos 44 anos, e quando já nos separam 56 anos daquele infortúnio, tenha a magia de nos irmanar sob sua inspiração para a justa e merecida comemoração cristã do primeiro centenário do seu nascimento, em Sobral e na Fortaleza.

A Família Mont'Alverne agora reunida com representação de diversas gerações, na casa de José Lourenço, que atualmente detém, por honrosa sucessão, a chefia do patriarcado familiar, exalta, com orgulho, a memória de Antônio Mont'Alverne Filho, o nosso Papai Toinho, e aponta, por igual, sua figura paradigmática como exemplo à sua descendência, nas ricas e fascinantes nuances de filho exemplar, de irmão generoso, de marido que sempre encantou e enterneceu a esposa, de pai dedicado à sua prole e de cidadão que honrava os seus amigos e a sua terra.

É mais encantante notar que Papai Toinho, ausente da visão terrena de sua família desde 06 de novembro de 1926, sem haver, dolorosamente, conhecido o riso de sua caçula e

a nenhum dos seus netos e bisnetos, esteja tão presente em nossas vidas, com aquele olhar plácido que nos acompanhou desde a infância, por todos os cômodos do Mosteiro da Vovó Marphisa, em Sobral, como inarredável testemunha do seu lar. Na sala de jantar, do alto do seu retrato, ele presidia a família.

E é a essa nossa Marphisa inigualável que devemos este culto à memória do Papai Toinho, nos inculcando a mais grandiosa prova do seu amor de mulher ao marido, tanto que com as forças da sua fé, do seu amor, e da perene saudade conseguiu transformar a ausência do Chefe da Família em presença para sua descendência.

Amada seja, pois, sua memória, pela verticalidade exemplar de sua vida, pela escolha de sua Marphisa, pelos filhos que com ela teve e que são os nossos pais, em cujos corações sentimos o sinete da fé e da formação moral do casal venerável.

## 02 — Entre romanos e cartagineses

Nascido em Sobral, a 30.09.1882, Antônio Mont'Alverne Filho é o segundo rebento, mas o primeiro varão da prole de Antônio Mont'Alevrne e Maria Elísa Mont'Alverne. Foi batizado pelo Vigário de Sobral, Vicente Jorge de Sousa, a 27 de novembro do mesmo ano em que nasceu, na Capela do Rosário, onde, depois, viria a se casar. Os padrinhos escolhidos, seguindo a tradição portuguesa, foram o avô materno, Gabriel Araújo de Aguiar, representado na cerimônia por Domingos Bessa Guimarães, e a avó materna, Guilhermina Rodrigues Bessa, conhecida como Mãe Guilé.

Cedo ingressou na aula do Mestre-escola Professor Arruda, em cujo convívio escolar encontraria, entre os seus discípulos, dois amigos de toda a vida — José Tupynambá da Frota, o Tupy, e o Assis, o futuro Padre Assis Memória.

É desse período de formação secundária que surgem, pela argúcia propedêutica do consumado mestre sobralense, as porfias entre cartagineses e romanos, meio hábil com que o Professor Arruda dividia a classe, formando equipes, de modo a instigar, no círculo de seus alunos devotados, o amor aos livros, através de sabatinas austeras.

É dessa fase — não tenho dúvidas — que surge o seu tirocínio da língua latina. Nos papéis de sua mocidade, guardados por ríais de meio século no nosso Mosteiro, encontrei anotações do Papai Toinho sobre o Segundo Canto da Eneida, onde se percebe musicalidade e ritmo na tradução dos versos sobre a beleza de Helena de Tróia e sobre o sacrifício de Laocoonte, o sacerdote de Apolo. E o estudante trabalhava as suas traduções, arrimado no prestante Dicionário Saraiva, cujo exemplar serviu de socorro, já no Colégio Cearense, a José Maria e Guarany, integrando hoje a biblioteca do famoso cirurgião cearense.

### 03 — Caminhos cruzados

Os caminhos do Maranhão, que depois seriam também os meus, permitiriam um aprofundamento dos estudos de Português, Latim e Francês, onde o menino Antônio Mont'Alverne Filho iria freqüentar, por pouco mais de 2 anos, o Liceu de Sotero dos Reis.

Conheço um retrato desse período, hoje em poder da Ruth onde se percebe no rosto de menino a cor rosada e os grandes olhos negros, que repontariam na sua numerosa descendência. O retrato é um primor de arte fotográfica. O menino, para quem o observa nesse instantâneo maranhense, trai os traços de Guy de Fontgallant.

As ladeiras de São Luís, as sacadas de seus vetustos sobradões, a iridescência da sua azulejaria, nada tocou e marcou tanto a sua alma de jovem quanto os cânticos do mês de maio da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios, cujo altar era enfeitado com as perfumadas estrelas.

Tão impressionante lhe ficou o perfume desse louvor maranhense a Maria, que, nas alamedas do jardim do Mosteiro, inaugurado festivamente em 04 de agosto de 1918, fizera desenhar, no cimento, as estrelas maranhenses, e como se fora pouco essa preferência, plantou em um canteiro, ao lado do jasmim laranja da Vovó Marphisa, um pé de estrelas, cujo perfume, lhe tendo povoado os sonhos de rapaz no Maranhão, depois teria a finalidade de perfumar as saudades da nossa Marphisa.

Constituída a minha família em São Luís do Maranhão e às vésperas de ir habitar a larga casa que lá construí, na Praia do Olho d'Água, levou-me a Uth uma muda do velho pé de estrela, com o delicado intuito de plantá-lo junto ao cômodo em que dormia, para perfumar o meu repouso, continuando a tradição do meu Avô.

Do Maranhão guardou Papai Toinho indeléveis recordações. Quando para São Luís fui, rendido aos olhos da prima que se transformou em minha mulher, Vovó Marphisa me descreveu, com refinado rigor culinário, o tradicional prato “arroz de cuxá”, que ela só conhecia pelas recordações do Papai Toinho.

Nenhum de nós desconhece o “aparelho das orquídeas”, louça tcheca, que, com o aparelho alemão do monograma AS, enfeitavam a mesa de 7 metros do Mosteiro, nos dias festivos, na ceia do Natal e nos casamentos de minha Mãe e de minhas tias.

Esse aparelho das orquídeas, adquirido em São Luís do Maranhão, na firma J. da Cruz Ribeiro & Cia., é mais uma recordação sanluizense que o promissor chefe de família levava para o seu lar.

Quando me casei, na trissecular Catedral de Nossa Senhora da Vitória, em 11 de fevereiro de 1972, Vovó Marphisa mandou-me rico e sentimental presente, que me foi entregue com um cartão, pelas mãos da Ruth. E dizia nessa mensagem a Vovó querida: “Este conjunto de peças foi adquirido pelo Toinho para o nosso casamento a 10 de novembro de 1906 e foi comprado a um negociante de louças no Maranhão, por sinal, colega de Humberto de Campos antes que este, abandonando o comércio, tomasse a estrada real da literatura. Queiram, assim, receber a afetiva lembrança da Vovó e da Uth. Sobral, 2 de fevereiro de 1972.” Guardo eu, no meu já alentado arquivo familiar, a fatura da compra do aparelho das orquídeas, na qual é visível a assinatura do vendedor que era, pelo talhe da letra, excelente calígrafo: H. Campos, que é Humberto de Campos, um mestre da literatura maranhense.

Esse recordar maranhense vai culminar com a impressão da participação do casamento de Papai Toinho e Vovó Mar-

phisa, nos prelos da **Typogravura Teixeira**, cujo local faço questão de mostrar aos tios e primos que nos visitam em São Luís do Maranhão.

Os meus caminhos se cruzaram com os do meu Avô, em São Luís, “ilha que meu sangue conheceu na temporada escolar de Antonio Mont’Alverne Filho, e para testemunhar a coincidência do itinerário do avô com o do neto, dediquei um dos meus livros a ele, com esta legenda: “À memória do PAPAI TOINHO que, dos 13 aos 15 anos, caminhou pela rua do Sol e, voltando para Sobral, rebatizou a sua rua com esse nome ludovicense. Transmitiu, pela força do sangue, o fascínio maranhense que o neto conduz inarredavelmente”.

#### 04 — **Minha charmante comtesse**

Na Estação da Estrada de Ferro de Sobral, enquanto Vovó Marphisa e eu esperávamos o retorno do tio Oswaldo Araújo do **Sítio Transval**, ela apontou para o segundo arco, após o gabinete do agente, e confessou-me: “Ali, exatamente ali, meu filho, vi pela primeira vez o Toinho e por toda a vida fiquei presa ao seu coração.” E, em seguida, um suspiro profundo sacudiu-lhe a alma.

Na verdade, chegavam de armas e bagagem a Sobral, nos idos de 1903, o Cel. Alexandre Soares e sua mulher, Maria Delmira Soares, a nossa Nininha, acompanhados da filha adotiva Maria Marphisa — uma marujinha ipuense no encanto dos seus 12 anos, bem cacheada.

Na plataforma da Estação, para receber o casal, estavam Manoel Artur da Frota, Francisco Porphirio da Ponte e o Cel. Vicente Adeodato Carneiro, o último integrante da **Empresa Carril Sobralense** que transportava cargas e passageiros para o centro da cidade em bonde puxado a burros.

Logo a roda de amigos se formou e o assunto era a sucessão de Leão XIII. O Cardeal Rampolla era **papabili** e as atenções para ele se voltavam. O palpite sobralense o fazia papa, mas o veto austríaco de Francisco José entornou o caldo.

Enquanto isso, a Marujinha viu o jovem Antonio, espigado, bem vestido, a gravata tufada, as guias do bigode bem tra-

tadas, na pujança dos seus 21 anos e ambos se fixaram por um instante que foi capaz de acordar um amor perfeito.

Na casa do Cel. Mont'Alverne, hoje o Colégio Sant'Ana, Antonio noticiou ao pai a chegada do Cel. Soares, acompanhado da mulher e de uma menina linda.

Alexandre Soares fora residir na rua do Marinho, próximo à casa do Cel. Manoel Artur da Frota. Pela proximidade das casas, logo Marphisa fez amizade com Adalgisa e, na verdade, foi uma amizade modelar, enquanto existiram. Tupy já estava em Roma, residindo no Pio Latino-Americano. Antes de conhecer o Padre Doutor José Tupynambá da Frota, colega de infância de Papai Toinho, Vovó Marphisa, levada pela mão de Dona Adalgisa, conheceu o Oratório do Tupy, no centro do qual estava a imagem francesa de Nossa Senhora da Conceição, que lhe presenteara o pai e que, muitos anos depois, vi na Capela do Palácio Episcopal.

O Teatro Apolo, depois o Teatro São João e o Clube Democrata animavam a vida sobralense. Nos saraus pontificava a música de Strauss e, sem falta, as Valsas de Raimundo Donizetti Gondim. Dançava-se também a quadrilha, o **schottisch**, a contradança, a valsa e a mazurca.

Alexandre Soares e Manoel Artur eram austeros e exerciam severa vigilância sobre os filhos, sobretudo com as moças. Os horários de entrar e sair em casa eram conferidos no **Pathek Philippe** de ouro dessas figuras venerandas.

O namoro, feito de **flirt** e, às vezes, também, de encontros casuais bem arrumados, na casa da Adalgisa, e excepcionalmente, em surdina, na casa da Luisa Costa, caminhava normalmente, ganhando forças.

O romantismo do começo do século permitia que as moças tivessem nomes de rosas: Vovó Marphisa era **jasmim laranja**, Vovó Gerviz era **rosa frança**. Na casa de ambas as avós recebi, da rosa Marphisa e da rosa Gerviz, jasmim laranja e rosa frança. Hoje, feliz de mim, vivo com rosa Gerviz e rosa Marphisa, minha mulher e filha e no meio de 3 rosas Maria.

A festa do Mártir Santo arrastava para o Ipu Papai Alexandre, Nininha e Vovó Marphisa. Possuo uma carta, datada de

11 de janeiro de 1905, redigida em francês, em que Papai Toinho a inicia com o delicado tratamento de **charmante comtesse**. No fecho dessa missiva, após a inconfundível rubrica do Papai Toinho, que estava em Sobral, longe da namorada e já àquela altura apaixonado, escreveu ele esta frase, que poderia estar contida no **Atala**: “J’adore vos 14 années”. Quanto mais releio esta carta, mais me entorneço.

O noivado se aproxima, o que ocorreu em 2 de fevereiro de 1906 e logo, pela pressa de Papai Alexandre, chegaram de Paris, através de Gutemberg Mendes, o vestido da noiva, o véu, os grampos para o cabelo, as ligas de cetim e o leque. Esse último adorno se encontra hoje nas mãos de Maria Marphisa, filha dos tios Alpha e José Edson, primeira neta com o nome da nossa avó. Eu tinha 14 anos quando Toinho me colocou a aliança, disse-me, uma vez, Vovó Marphisa.

Cheguei a ler um cartão de Gutemberg Mendes, dirigido a Papai Alexandre, assegurando-lhe que já havia adquirido, em Paris, a “toilette” do casamento de sua filha, e que seguia para Madrid, a fim de assistir o desfile das núpcias de Afonso XIII com Vitória Helena de Battenberg, a linda Ena.

A participação do noivado teve o formalismo diplomático de um tratado plurilateral. Vejam. Comunicavam o contrato nupcial, pelo lado da noiva, o Major José Lourenço de Araújo e sua mulher Maria do Carmo de Araújo, os pais e, ainda, o casal Alexandre Soares e Maria Delmira Soares, pais adotivos; pela parte do noivo, faziam gosto em anunciar as próximas bodas do filho, o Cel. Mont’Alverne e sua consorte Maria Elisa Mont’Alverne. O casamento realizou-se, pomposamente, na Capela do Rosário, a 10 de novembro de 1906.

Exibindo um fraque, de luvas, portando na mão esquerda o claque, Papai Toinho foi ao quarto de sua mãe Maria Elisa e, lampeiro, desceu a escadaria do solar do seu pai, onde hoje reside sua neta, Soror Ana Maria Marphisa Mont’Alverne — a nossa Sarinha.

A mãe do noivo, já consumida pela diabete que minava o seu organismo e pelos traços de uma visível uremia, não assistiu ao casamento do filho, mas, com o contentamento de

quem sabia que o casava com quem muito o estimava, e a ela também, abraçou e beijou o filho e ficou a mirá-lo da janela, até que seu vulto sumiu da sua retentiva, à altura da residência de Radier Frota. E mal decorre uma semana da data do casamento do filho, a mãe morre, enlutando o coração do Papai Toinho e da Vovó Marphisa, que se cobriram de luto.

O Padre Doutor Tupynambá da Frota, ainda com visível sotaque romano, presidiu a cerimônia do casamento, benzeu as alianças, abençoou os noivos e acentuou que estava cumprindo promessa ao seu colega de infância, quando lhe garantia, em tom de confiança, que iria a Roma para se ordenar, voltando para casá-lo. E esse casamento foi o primeiro que abençoara o Padre Doutor José Tupynambá da Frota, em Sobral.

O casamento civil, ainda de uso inusitado naqueles tempos, foi presidido pelo Dr. José Sabóia de Albuquerque, que, tempos depois, seria o sogro de José Maria, pelo casamento desse tio com a estimada tia Nazinha. O brinde aos noivos foi pronunciado pelo Dr. Alexis Barboda Morin.

O Barão, o nosso Papai Alexandre, amarfanhando um lenço de cambraia, dava ordem para servir aos convivas o generoso **Borgonha** e o **claret de Bordeaux**, vindos, sob encomenda especial, da **Casa Boris**. Mas, para alguns, serviu o **cognac Carlos III**, a outros, um cálice de **Chartreuse** ou um copo do branco **Chablis**. Para o noivo, um **bacarat** com **Château Mouton-Rothschild**, safra de 1891, da idade da noiva. Papai Alexandre erguia com a mão pilosa a sua taça de **Carignano da Toscana**, orvalhando o cavanhaque, respingando a camisa de seda, adquirida no **Doucet**, em Paris.

Nininha, faiscando com os brilhantes da **Casa Kraus**, punha a senzala em marcha e a todos eram servidos sequilhos, quindins, bombocados, queijadas, baba de moça, bem-casados, pão-de-ló, pastéis, além dos doces de caju, ameixa seca, doce de coco, doce de leite, de limão e de casca de laranja, e, na retaguarda, 60 bolos.

Na mesa central, cuja toalha serviu para as bodas nupciais inaugurais de nossa família e, depois, da tia Aracy com o meu

padrinho tio Fernando Adeodato, estava o bolo tradicional, requinte da culinária sobralense.

A casa estava em festa e o Barão, feliz da vida, abriu os seus salões, pois, afinal, casara **Sá** Marphisa com **Seu** Alverne. E não perdera a filha: ganhara foi um filho dileto.

Estavam lançados os fundamentos daquele lar, sob as bênçãos de Deus, dos pais e dos amigos.

E se amaram tanto e íoram tão felizes e viveram tão harmoniosamente que, quando a tempestade chegou, em 1926, Vovó Marphisa que, até aqueles dias, vivera no halo amoroso do marido, cercado do invejável aconchego paterno, desfrutando da sua radiosa maternidade exemplar, deixou escapar esta frase de tamanha perplexidade, quando o sofrimento lhe esmagava o coração: “Eu não podia ter dois céus!...”

## **05 — De repente, um jovem patriarca em Sobral**

Os filhos chegariam, enchendo o lar de uma alegria de galera florida, pela bulha que faziam, pelo riso álaçre de crianças, de meninas e meninos.

Às 22:30 horas do dia 26 de agosto de 1907, em Sobral, na rua do Marinho, um riso de menina dava a glória de uma maternidade bem sucedida a uma jovem senhora de 16 anos e o orgulho ao pai de 25 anos.

Esse “primeiro enlevo filial” dos olhos da Vovó Marphisa e do Papai Toinho e também dos seus avós, Papai Alexandre e Nininha, era a minha Mimosa — Mainha — Maria do Carmo como a avó materna, que aprendemos a chamar de Mãe Mimosa. Tenho uma touquinha que Mãe Mimosa teceu para a minha Mãe. Ah! minha Mimosa, minha Mãe, nome abençoado que marulha e encanta o meu coração e os dos meus irmãos queridos, Natália, Antônio e Ticiano.

A quase cada ano, com alegria para os pais, surgia um botão: José Maria, Maria Elisa, Acacy, Guarany, Alpha, Maurício, Ruth, Myrian, Sarah, Walderez, Thais, Leda, José Lourenço e Maria da Soledade, chamada Alverninha. Desse rosal dos nossos avós é que surgimos...

Os batizados eram realizados com o rigor e a solenidade do ritual romano. O Padre Doutor Tupynambá da Frota fora padrinho de Maurício e seria, quando já bispo de Sobral, padrinho do José Lourenço, por desejo expresso do Papai Toinho. Dom José batizaria ainda a Alverninha, mas, antes, ao tempo da inauguração da casa do Papai Alexandre, na rua do Menino Deus, onde, depois, em parte dela, instalaria o Guarany o seu consultório médico, crismaria numa fornalha de fé, como bem sabia fazer Vovó Marphisa, tia Alpha, Myrian — que chamo afetuosamente de Minan — a minha Ruth e, ainda, a Sarinha que, à ocasião, se rebelara contra a pitada de sal, obrigatória no ritual batismal, julgando que Ihe seriam também ministrada no crisma. É que antes, Dom José batizara Thais, que depois aglutinaria a esse nome o de Teresinha, agradecidas que ficaram essa tia e Vovó Marphisa à Santa de Lysieux.

Depois, o velho Pontífice sobralense, já Bispo Conde da Igreja, casaria Thais Teresinha com o polido Dr. José Gerardo da Frota Parente, o nosso Zequinha, mestre consumado da oratória da Princesa do Norte. Creio e todos também acreditam: o 23 de setembro, data em que me incorporei à família Mont'Alverne, data também do casamento desses tios, a que me referi, deve ter sido um dia especialíssimo ao coração da Vovó Marphisa. Por quê? Casava sua filha com o filho de sua amiga fidelíssima, a Adalgisa. E, ainda, para redobrar a satisfação, o novo genro era sobrinho de Dom José, amigo de infância do Papai Toinho.

Se era perfeito o entrosamento conjugal de Papai Toinho com Vovó Marphisa, por reflexo natural dessa harmonia, era exemplar o ajustamento entre o Cel. Soares e o Sr. Alverne.

A fidelidade partidária sofria entre eles um hiato voluntário para as confidências que deixavam transpirar no seu círculo. Calcule que sogro e genro pertenciam a facções opostas. Mesmo assim, servia-se Papai Alexandre da pena de Papai Toinho para a escritura de suas cartas, onde havia detalhes dos corrilhos políticos e até certa crítica ao outro partido, ao partido do genro. Papai Toinho, por amor ao pai adotivo de **Sã** Marphisa, ouvia os segredos, os escrevia conforme os mandamentos do Cel. Soares e, logo depois, esquecia tudo. En-

fim, tudo por causa do amor... Apesar dos tempos **acciolinos, rabelistas, unionistas e marretas.**

Mas esse nosso Avô, cuja memória hoje celebramos, foi político na elevada compreensão do **munus** público, longe da paixão partidária. Exerceria a vereança em Sobral. Lá mesmo, foi Presidente da Casa da Câmara. Depois, José Maria seria também vereador em Sobral, seguindo a trilha paterna.

Entrosou-se perfeitamente bem com o outro sogro, o nosso Deputado Provincial, Major José Lourenço de Araújo, já que Papai Toinho morou por 11 anos no Ipu, voltando a Sobral, nesse espaço de tempo, só por segurança, para os partos da Marphisa.

Mas teve ele uma diversão predileta: o **turf**, situado no Prado. Seus cavalos eram imbatíveis e conservam a fama de insuperáveis parceiros.

Na infância, com o Alverne, o doutor da tia Maria Elisa, e com o meu irmão Antônio, íamos ao quintal da casa da Vovó Marphisa colher atas, escalando essas delgadas fruteiras. Perto de uma delas, estava situada a cocheira dos cavalos, nesse tempo já abandonada. Quando indaguei à Vovó, na hora do catecismo a que nos submetia aos domingos, ao redor de sua rede, onde estavam os cavalos do Papai Toinho, ela, pressurosa, pagando para recordar seu passado feliz, desfiou os nomes: Joffre, Foch, Lord, Imperator, Conde, Caçador e Condessa.

O nome marcial de Foch, dado a um dos cavalos de meu Avô, punha em brios o Irmão Joaquim no Colégio Cearense, que, tomado de santo rancor francês, desfiava nomes de brasileiros ilustres para serem colocados em cavalos franceses, desferrando a honra do Herói da Batalha do Marne, tão popular no **Prado** de Sobral.

O Derby Clube Sobralense, reconhecido à atuação do Papai Toinho e, creio que também, por sugestão do nosso tio José Aguiar Frota, que tem o mesmo gosto do sogro, deu o nome de Antônio Mont'Alverne Filho a um dos seus grandes prêmios.

Ele era alegre, comunicativo, falava baixo e tinha a estatura meã. Brincava de esconde-esconde com a sua ninhada e quem conhece o Mosteiro sabe que havia panos para as mangas.

Gostava da rede de tucum que continua a embalar sua descendência na casa da Vovó Marphisa.

Era religioso. Seguindo o exemplo de seu pai, meu Avô se integrara na Irmandade do Santíssimo Sacramento, fundada a 13 de outubro de 1707 na Vila Distinta e Real de Sobral, pelo Padre João Ribeiro Pessoa. A piedosa predileção da Família Mont'Alverne pela Irmandade do S.S. Sacramento de Sobral repontaria ainda na filiação de meus tios José Maria e Guarany e, finalmente, na minha, que inicia a quarta geração seguindo os passos do velho Antônio Mont'Alverne.

Tenho uma carta com uma descrição pormenorizada que fez meu Avô sobre a procissão de **Corpus Christi**, em Fortaleza, em 1926, que revela sinais de conhecimentos litúrgicos.

Participando do desfile processional, observa tudo: as bênçãos dadas ao povo, à altura da Santa Casa, depois na Igreja do Patrocínio e na Sé. Não lhe escapa a presença do Presidente Moreirinha (como era conhecido o Desembargador José Moreira da Rocha) e do seu secretariado, próximo ao pátio. Salienta, também, as alas das diversas irmandades com os respectivos estandartes e sublinha a participação do Colégio Cearense, onde estudavam dois de seus filhos.

Quando viajava para a Fortaleza, fazendo o périplo marítimo por Camocim, hospedava-se na **Pensão Bitu**, cuidava dos negócios da expansão mercantil do seu armazém, diligenciava os encargos do Cel. Soares junto ao Cel. João Evangelista da Frota e, em seguida, “ganhava o bredo”, ia para a praça, comprar brinquedos, vestidos para as meninas, pulseirinhas no **Prexo Fixo**, uma sombrinha francesa para a Marphisa, sem esquecer um **brocat** para Dona Mariquinha. Herdei esse hábito de meu avô: quando viajo, como ele, me transformo em Papai Noel e me regalo com a alegria que causo às minhas filhas.

Vamos seguir os seus passos. Ele nasceu na rua da Aurora, hoje rua Domingos Olímpio, em uma casa lateral à que nasceu Dom José Tupynambá da Frota. Depois, foi morar com seu pai na rua da Vitória, atual avenida Dom José, e de lá só saiu para se casar. Casado, morou na rua do Marinho, depois no Ipu e, a seguir, no nosso Mosteiro da atual rua Dr. João do Monte.

Vovó Marphisa é quem o melhor descreve, naquele seu estilo transparente, de quem possuía o pleno domínio do boleio da frase, mesmo sem pisar nas universidades, mas só pelo gosto da leitura. E aduz, Vovó Marphisa, já velhinha, ainda assim, apaixonada pelo seu Toinho: “Até aqui, o nosso lar integral, emoldurado pela vida do Esposo e Pai, irradiando bondade, afeto, saúde, prosperidade, esperança, paz e alegria na sua inconfundível personalidade porque tão bem sabendo aliar a reconhecida compostura moral ao humorismo inteligente à diplomacia oportuna, o descortino comercial ao senso artístico, especialmente na música, violinista que foi na escola do afamado Prof. Mouta, cujos concertos deliciavam as famílias sobralenses daqueles saudosos tempos.”

Em 1923, começam a surgir os incômodos da velhice de Papai Alexandre e logo se torna cliente, em Fortaleza, do Dr. José Frota e, pela “travanca ocular”, também do oftalmologista Meton de Alencar, cuja clínica se irradiava pelo sertão da Zona Norte, pelo halo de cientista que o envolvia e pela fama de haver sido assistente do Moura Brasil. Desse médico ilustre, tenho eu, na minha livraria da Praia do Olho d’Água, um livro raro: **Do Trachoma no Estado do Ceará**, publicado pela **Fortaleza Typo Lithographia a vapor**, em 1908.

Em 1926, em 3 de junho, data de **Corpus Christi**, Papai Toinho está na Fortaleza, como anjo da guarda do sogro doente. Para agradar a Vovó Marphisa e a Nininha e pela fé que ambos tinham, confessaram-se com Frei Mansueto, na antiga Igreja do Coração de Jesus, construída por Dom Antônio Xisto Albano, que foi depois Bispo do Maranhão, de 1901 a 1905.

Encontraram-se com tia Luizinha, mas não com o Leota, o nosso Leonardo Mota, que estava varando o Norte com os seus cantadores, para depois perdurar com seus livros na literatura cearense.

O pendor político não o abandona: depois da procissão de **Corpus Christi** conversa com o Presidente Moreirinha e com José Accioly, ávido em saber notícias da política cearense.

Nesta mesma Fortaleza, durante a viagem que relato, recebeu carta noticiosa da impagável tia Abigail, mãe da sim-

pática tia Nadyr, que falava do brilho dos olhos de duas moças sobralenses: é que estavam noivas Guiomar e Celicina.

Papai Alexandre fez as malas, no que acompanhou o nosso Avô. O Barão estava apressado para as entrevistas com o Manduca da Tapera, com o “Compadre” Crispim. E, com certeza, também esperava o Cyro Octávio. A este Sr. Cyro, como nós o chamávamos, conheci velhinho, o corpo latagão, cercado da estima da Vovó, rezando, nas visitas que fazia a Sobral para remediar-se com o tirocínio urológico do Guarany, o terço na cela da Vovó amada.

No final da temporada, chega o laudo do Dr. Meton de Alencar sobre os olhos do Cel. Soares: inflamação na íris da córnea, com início de ulceração do tecido.

## 06. Nos passos dele, como ela fazia . . .

Novo regresso à Capital do Ceará: Alexandre Soares pio-  
rava, e aos poucos, se exauriam os recursos clínicos oftalmológicos na Fortaleza. O Rio de Janeiro é a rota recursal natural para quem, como ele, buscava, empenhadamente, a saúde, a visão. Papai Toinho chega a Sobral com uma carta aflita de Papai Alexandre, que pedia à Vovó Marphisa cedesse ela a possante companhia do genro-filho para tentar, no Rio, o valimento cirúrgico de que necessitavam seus olhos. Para compensar a ausência do marido, pedia que Papai Toinho logo regressasse a Fortaleza, levando a Mimososa, de modo a compor, com a neta querida, o trio familiar que se deslocaria para o Rio.

A idéia da viagem ao Rio de Janeiro surge com o convite de Hugo Carneiro, mas é, inicialmente, recusada. Aos poucos, porém, as coisas se aclaram e o Rio se torna uma meta irrecusável. O destino daria a Hugo Carneiro não os encargos de cuidar da saúde de seu tio Alexandre Soares, mas os do sepultamento do meu Avô.

Em Sobral, enquanto Papai Toinho debruçava-se sobre a primeira janela da sala de jantar do Mosteiro, fronteira à lateral da antiga residência de Dona Emilianinha Sabóia, Vovó respondia a carta rogativa do seu pai, dando-lhe o **placet** para a viagem do marido e da primogênita. Quando relatava esse

episódio, Vovó tomava-se de profunda compunção e dizia: “eu estava assinando a sentença de morte do Toinho”. Mas quem conheceu sua alma de escol, levitando na docilidade do seu amor filial, sabe que jamais ela recusaria o pedido do seu pai, sobretudo àquela altura, vendo-o alquebrado, com a visão reduzida, tendo no genro a única esperança para uma companhia que lhe imprimisse confiança na viagem, que se anunciava carregada de interrogação.

E chegaram ao Rio que a todos exibia a fisionomia da revolução urbanística, iniciada no Governo Rodrigues Alves, com Paulo de Frontin.

O pai solícito mostrava à filha deslumbrada os encantos da cidade: a Glória, o Morro da Graça, o Cosme Velho, as Laranjeiras, o Flamengo... As mais das vezes saíam os três. Quando a fadiga alcançava o Barão, minha Mãe dava o braço ao Pai e saíam os dois felizes de estarem na Cidade Maravilhosa, caminhando pela Ouvidor, Rua Uruguaiana, Rua Buenos Aires, às vezes pela Avenida Central para tomar chocolate na Colombo.

O trio sobralense estava nas Laranjeiras, no Metrópole Hotel, nº 519, depois se mudou para o Catete, ficando no Regina Hotel.

A 28 de outubro de 1926, pai e filha visitam o Pão de Açúcar. Na Urca, os dois se deixam fotografar de corpo inteiro, com o objetivo de enviar recente retrato para a Marphisa, mandando saudades de ambos os lados. Esse retrato foi ampliado depois para permitir que os filhos mais novos tivessem a visão paterna de melhor perspectiva.

O Jockey Club o arrasta para a reunião de 31 de outubro de 1926. No seu guarda-roupa, que Vovó Marphisa transformou em relicário de sua saudade, encontrei, no bolso do paletó da mesma roupa do passeio ao Pão de Açúcar, o Programa da 26ª Reunião do Jockey Club. Nove eram os prêmios daquele dia: Othelo, Cigano, Kitcher, Barão da Vista Alegre, Antilope, Kellermann, Mosquete, Brasil e Aprompto. Conhecedor dos segredos do turf, ganhou Papai Toinho os 6 primeiros prêmios, apostando nestes cavalos: **Quixote, Sultana, Florão, Dante, Werther e Centauro**, respectivamente dos **Stud** de Lineu de

Paula Machado, o Wadih C. Maluf, Virgílio Alvim de Melo Franco, Emílio Carrica e A. S. Azevedo.

Mesmo sem o ter conhecido, mas por tudo o que sei sobre ele, contado por quem mais sabia, podia e queria propagar sua memória, reponta do lume da minha seu perfil. E parece que estou a vê-lo na arquibancada: de terno cinza, de colete e gravata borboleta, a cabeça abrigada no chapéu do Chile, bigode sem guias, ressaltado no rosto corado, corpo mais cheio, assentando o binóculo **Zeiss** que trazia a tiracolo para a direção dos cavalos de sua preferência. Ao lado dele, sempre com ele nos seus últimos passos, estava minha Mãe, segurando as pules das apostas. Agora sua voz transfigurada na de seu terceiro filho, relembra aquela vida, os episódios felizes de que participou, já nas vésperas da partida do seu Pai.

A expansão mercantil do seu armazém, que se alargava pela ampla porta do comércio exterior, com promissora perspectiva, que o seu tino e o do seu cunhado Eurípedes Ferreira Gomes, naqueles dias, encetavam com a inicial exportação de partidas de algodão, se constituía na sua preocupação mais atual, já que o sogro passava bem e fazia os exames laboratoriais que a cirurgia, que se aproximava, exigia. Fechara negócios mas sabia que, para obter lucro que viesse a ser compensador, devia estar atento às oscilações da taxa de câmbio. A troca mercantil exigia todo o seu empenho.

Na manhã do dia 6 de novembro de 1926, preocupado em telegrafar para tio Eurípedes, recusara, tão apressado estava, sair com o Cel. Soares e com minha Mãe. Aliás, Papai Alexandre redigia demorada carta para Nininha e Vovó Marphisa.

Já no Flamengo, entra na casa do fraterno amigo Edmundo Monte, cuja esposa, D. Raimundinha, o recebe, nota-o muito apressado e estranha que o amigo recuse uma xícara de café quente que, para ele, pela manhã, era irresistível. A visita foi de médico, bem rápida. Quando a empregada chegou com a bandeja já o encontrou de costas, descendo o batente, pondo o chapéu de feltro à cabeça.

Andando de cabeça baixa, preocupado com os negócios do seu comércio em Sobral, trincando o polegar na unha do dedo mínimo, tentou atravessar a rua quando foi colhido, vio-

lentamente, por um auto do Ministério da Viação, de placa 526, sendo levado para o Posto Central da Assistência pelos amigos Edmundo Monte e Raimundinha, advertidos do infortúnio pela empregada que, ainda de bandeja na mão, foi surpreendida pelo brutal acidente que o vitimou, vendo mesmo o chapéu voar, quando seu corpo foi atirado sobre a pedra de lioz da rua calçada.

No Posto do Pronto Socorro estava ele cercado de médicos, mas não resiste às lacerações do acidente e adormece às 11:30 horas do dia 6 de novembro de 1926, com a idade de 44 anos e 57 dias. A **causa mortis**, conforme consta do Atestado, firmado pelo Dr. H. Rodrigues Caó, foi “fratura da base do crânio”.

Quando o sopro vital se lhe ia extinguindo, chega ao Posto do Pronto Socorro o Padre Assis Memória — um cartaginês que vinha trazer o alento da fé cristã àquele general romano da Escola do Professor Arruda, ferido pelo destino.

Eis a descrição do encontro entre os amigos de infância que recopiei de uma carta do Padre Assis Memória, dirigida à Vovó Marphisa, em 10 de janeiro de 1929: “O seu esposo, meu velho colega no Arruda, nessa terra de que viveu sempre povoada a minha lembrança, encontrava-se no Hospital do P. Socorro na manhã sinistra em que foi atropelado. Ciente do ocorrido tomei um táxi na Igreja onde acabava de celebrar, munido dos Santos Olhos, à disparada, saí para o Hospital. Ali se me deparou o quadro aflitivo: Mont’Alverne, cercado de médicos e enfermeiras e alguns amigos, entre outros, o Dr. Edmundo Monte. Dirigi-me a ele, em voz alta, fiz-lhe sentir a minha presença. Olhou para mim, num supremo esforço, e me reconheceu, gesto que foi significado por um assentimento de cabeça. Disse-lhe que ia ministrar-lhe os S. Sacramentos da Igreja. Entretanto, em virtude dos ferimentos a sua agitação era contínua e convulsíssima. Ajudado pelo médico e uma enfermeira, depois de o ter absolvido, ministrei-lhe, com toda a fé, a Extrema Unção. E — cousa por todos notada! — mal concluí o sagrado remédio, ele voltou a uma calma absoluta, morrendo logo depois. Seu esposo, minha cara amiga, salvou-se. Revelou sinais de contrição e era um bom.”

Para a Vovó Marphisa a carta do Padre Assis Memória foi um bálsamo. Agradecendo, acentua ela, em carta dirigida a 23 de junho de 1929 àquele sacerdote: “A vossa carta me satisfez plenamente. Guardei-a com todo o carinho não só como parcela integrante da dor que me apraz cultivar cultuando a doce memória daquela alma de escol, como narrativa fidedigna por onde os meus filhinhos menores (um dos quais de nascimento posterior ao triste caso) poderão ver claramente o quadro sobre todos emocionante e para nós cristãos de mais importância, da dolorosa história de sua orfandade.

Padre Assis Memória, se houvésseis conhecido o nosso lar, poderíeis avaliar com segurança a profundidade do golpe tão terrível!

Aquele Mont’Alverne que vistes no “Pronto Socorro” em tamanha desolação, aí nada mais que vítima comum dos obrigatórios desastres diários, era o grande encanto da minha vida, esperança de 14 filhos, justificada alegria de dois velhinhos que com excepcional dedicação também nos foram pais, para todos nós era verdadeiramente um presente do céu!”

Fora Dona Raimundinha Monte quem solicitara ao Padre Assis Memória que escrevesse à minha Avó, relatando os últimos momentos do meu Avô.

Estas letras venerandas, estas duas cartas, deu-mas Vovó Marphisa, na data dos seus 80 anos, à tarde, quando dela me despedia. E sabia por que o fazia. Conhecia o meu fascínio por ela. Eu daria depois o seu nome honrado à minha primogênita, primeira bisneta com o nome de Marphisa.

Voltemos ao Rio de Janeiro!...

Minha Mãe estava no **Regina**, preocupada com a demora do Pai. Quase ao meio-dia, irrompe no Hotel Francisco Araújo — acadêmico de medicina à época — vinha lívido, aterrado com a notícia lutuosa. À tarde desse dia cruel, Mainha iria com o pai ao Conservatório Nacional de Música assistir a aula inicial do Curso, cujo teste anterior lhe garantira a matrícula desejada pelo seu pendor vocacional. Tio Chico abraçou-a e sua alma ficou siderada a vida toda pela brutalidade do choque.

Conheço dois depoimentos sobre a morte de meu Avô. O primeiro me foi referido em São Luís do Maranhão, em 10 de

fevereiro de 1972, à época de meu casamento, por Francisco Araújo — irmão de Vovó Marphisa. Disse-me esse velho Tio que vira o Alverne no Pronto Socorro do Rio de Janeiro, já morto, tendo constatado inúmeras fraturas no tórax e nas pernas. Assistira, inclusive, à lavratura do atestado de óbito.

Dias depois, já em Fortaleza, visitando Francisco Araújo na sua residência, na rua 24 de Maio, deu-me em seu Gabinete, após o jantar, que sua família oferecia à minha mulher Maria Gerviz e a mim, o original do Atestado de Óbito de meu Avô, acentuando-me que entregava o documento a um dos filhos da Mimosa, pois a ele coubera a dolorosa missão de comunicar à minha Mãe a morte do seu pai.

O outro depoimento é de autoria de Chiquitinha Saboya. Assistira, juntamente com o marido Sérgio, o velório e participaram ambos do sepultamento do meu Avô. Dissera à Ruth que vira Papai Toinho no ataúde, observando as mãos superpostas, que traziam os vergões e as equimoses do acidente.

Antonio Mont'Alverne Filho foi sepultado às 10 horas do dia 7 de novembro de 1926 no Cemitério São João Batista, no carneiro nº 10.030, da Quadra 12. Os preparativos do sepultamento ficaram a cargo de Hugo Carneiro, sobrinho de Alexandre Soares. Constatei, pela letra de Hugo Carneiro, que 42 automóveis acompanharam o carro fúnebre e no São João Batista estavam 256 pessoas acompanhando o corpo de Papai Toinho. Eis os nomes de algumas delas: Padre Assis Memória; Senador João Thomé de Sabóia e Silva; Senador Thomaz Rodrigues; Deocleciano Sabóia; Anésio Frota Aguiar; Dr. Edmundo Monte; José Figueira de Sabóia; Dr. Edmundo Carneiro; João Guttenberg Mendes; Vicente de Pinho Pessoa; José Accioly; João Lyra Pessoa; Antonio Catunda; Carlos Aragão; Vicente Cavalcante; José Aragão; Milton de Sousa Carvalho; José Philomeno Gomes; Lauro de Sousa Carvalho; José Deusdedith de Vasconcelos; Cel. José Adonias; Vicente Severino Duarte; José Alfredo Muniz Aragão; Helvécio Monte Sobrinho; José Thomé de Sabóia e Silva; Manoel Evangelista de Menezes; Francisco Teles de Menezes; Humberto Monte Parente; Adelina Monte; José Arthur da Frota; Nestor Albuquerque; Dr. Eduardo Rocha Salgado; Manuel Frederico Pontes; José Cândido de Sousa Carva-

Iho; Sérgio Sabóia e Esposa; Afonso Viseu; José Oswaldo Soares; Major Luís Silvestre Coelho; Cel. Ferreira de Brito e Plínio Pompeu de Sabóia Magalhães, que na manhã de hoje, em Sobral, assistiu à missa do seu centenário de nascimento, na Igreja de São Francisco.

Nestor Albuquerque, tio de meu cunhado Waldery Albuquerque, fez o comovido necrológio.

Tio Eurípedes Ferreira Gomes dá a notícia do atropelamento, mas é Dom José Tupynambá da Frota quem comunica à Vovó a morte do marido idolatrado. A seguir, Vovó Marphisa, já consciente da sua viuvez, encaminha ao pai este telegrama via Western, datado de 07 de novembro de 1926: — “Com imensa dor recebi dolorosa notícia falecimento meu querido Toinho. Estou com Mamãe conformada com vontade Deus. Diga se Toinho recebeu sacramentos. Mande urgente notícias suas e Mimosa. Abraços Marphisa”. E a certeza da morte cristã do marido chega imediatamente através do cabograma de Alexandre Soares: “Aiverne recebeu piedosamente últimos sacramentos. Estou Mimosa resignado. Alexandre”. É com essa indagação que Vovó Marphisa assume o seu matriarcado e se transforma na Senhora do Mosteiro, pelo pulso de mulher bíblica com que encaminhou a família.

Passados tantos anos do grande golpe que atingiu a minha Avó, ainda agora, lendo a cópia do cabograma que dirigiu a seu pai, percebo toda a grandeza de sua fé, que foi o sustentáculo para a sua viuvez inopinada aos 35 anos, e para o seu inesquecível matriarcado, de quase 50 anos, sempre exaltando e cultivando, entre filhos e netos, a amada memória do seu Antonio Mont’Averne Filho.

O dia 6 de novembro ficou assinalado como um dia de luto que se repetiu por décadas e décadas. Nesse dia se obedecia a um ritual do qual participavam filhos e netos e os que, circunstancialmente, estavam no Mosteiro, visitantes ou agregados. Menino, lembro bem desse dia. . . Pela manhã, missa na Igreja de São Francisco: missa em latim, com padre de casula preta, pronunciando em boa voz, no **momento**, o nome do meu Avô, que eu em voz baixa e mais acelerada completava, me adiantando à cadência vocal do celebrante.

Após o café, flores no jarro para o retrato do Papai Toinho da sala de jantar.

A visita ao Cemitério São José era indispensável. Vovó Marphisa colocava as flores sobre o túmulo, no exato local onde estava a urna com os despojos do meu Avô e começava um terço sob o sol ardente de Sobral, sem pressa de concluir, sem arrematar.

Às 10:00 horas se retornava para o Mosteiro, após breve visita à casa da tia Maria Thereza de Holanda Cavalcanti.

No retorno ao Mosteiro, Vovó Marphisa ia repetindo para mim detalhes da vida do seu Toinho, do meu Avô, como agora estou repetindo, fiel à sua memória e à sua lição.

À tarde, às 15:00 horas, mais um terço, puxado pela minha Avó, respondido pelas filhas, alguns netos e pela criadagem que participava de todas as alegrias e tristezas da família. Quem adentrava no corredor se integrava ao terço.

Minhas tias, uma boa meia dúzia delas, namorando, se viam privadas, sem qualquer reação, 30 anos depois da morte do pai, de ir ao cinema, de namorar na calçada. Os namorados se subdividiam entre a sala de visitas, o gabinete da minha Avó e os que estavam mais próximo do noivado tinham o privilégio de ficar na sala de jantar, mas a verdade é que, onde quer que estivessem, os pares de namorados sempre se deparavam com a presença do meu Avô, com o seu retrato.

As exéquias foram oficiadas na Catedral de Sobral por Dom José Tupynambá da Frota. Durante uma semana, diante da essa armada na nave central, meia dúzia de padres cantavam o **Libera me**. Ao final de cada uma das missas foi distribuído um santo, encomendado à **Casa Sucena**, no Rio de Janeiro, no verso do qual estavam impressos os dados biográficos do morto e o preito de saudade da viúva e dos filhos.

A alma do meu Avô foi muito sufragada em diversas cidades do Ceará, principalmente naquelas em que residiam parentes de minha Avó, gente fiel aos dogmas da Santa Madre Igreja.

O próprio Frei Mansueto do Convento dos Capuchinhos na Fortaleza, com quem se confessara meu Avô, em junho de

1926, ano em que também morrera, fora escolhido para celebrar uma **capela** de missas.

Encontrei entre os papéis sobre o meu Avô carta autógrafa de Dom José Tupynambá da Frota, dirigida ao meu tio José Maria, em 1º de julho de 1927, comunicando que entregara a Frei Mansueto as espórtulas das missas, de que fora portador. Aduz, tocante a esse assunto, Dom José: “Recebi a lista das missas a serem celebradas conforme nota anexa. Remeto-lhe o atestado de Fr. Mansueto sobre o recebimento das missas do seu saudoso Pai, afim (**sic**) de que Dona Marphisa fique inteirada”.

Relembrando a vida de meu Avô, os anos que viveu feliz amando sua Marphisa, cercado de filhos, e a sua morte inopinada no Rio de Janeiro, tudo alojado no círculo de um patriarcado familiar do sertão cearense que o tempo levou, brotam-me, no fecho desta narrativa, os versos finais do poema **Memória**, de Carlos Drummond de Andrade:

**Mas as coisas findas,  
Muito mais que lindas,  
essas ficarão.**

## **07 Os quatro, unidos como viveram**

Repousam hoje em Sobral os despojos do Papai Toinho, ao lado dos de sua Marphisa e na companhia de Nininha e de Papai Alexandre. Estão juntos como viveram, e juntos haveremos de guardar a amada memória deles.

Ele estava sepultado no Rio de Janeiro, que se transformou pela dor de minha Avó, de Cidade Maravilhosa em Cidade Criminosa, como costumava ela dizer, sempre magoada.

Ela, em Sobral, criando a prole numerosa, mas sempre com o coração voltado para a memória do marido — estrela da manhã de sua vida, estrela de toda a sua vida. Estrela que lhe alumbrou os caminhos com a presença radiosa. Estrela que lhe perfumou as saudades. Estrela cujo raio de luz minha Avó queria bem perto de si.

**Estrela, estrela,  
morreste há tempos,  
porém te vejo  
na noite escura.**

**(Estrela, ó Estrela!      Jorge de Lima)**

Maria Marphisa Mont'Alverne, por seu procurador, seu irmão Oswaldo Araújo, requereu à Mesa da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, em 31 de outubro de 1931, "licença para transladar para o Estado do Ceará, cidade de Sobral, e exumação dentro de três dias úteis do prazo, os restos mortais existentes no carneiro nº 10030 do Cemitério São João Batista, onde a 7 de novembro de 1926 foi inumado seu esposo Antonio Mont'Alverne Filho."

As bodas de prata de Vovó Marphisa, cuja data não festejaria, já imersa que estava no sofrimento de sua viuvez atroz, ficariam marcadas com mais um ferrete que lhe marcou o coração.

Inadvertidamente Guarany e tio Oswaldo Araújo procederam a exumação dos despojos do Papai Toinho — a 10 de novembro de 1931 — coincidentemente data do casamento dele, data também em que festejaria suas Bodas de Prata.

Vovó Marphisa, certa vez, me mostrando a casaca e o **pélerine** de meu Avô, adquiridos no **Almeida Rabello**, se referiu àquela coincidência cortante das datas a que aludi, levada que foi, julgo eu agora, sua memória aos planos superpostos e retroprojetivos do seu recordar e do seu imaginar. Abrindo ela as portas do guarda-roupa do seu marido, abria também por igual, sua memória, contentando-se nesse processo associativo de rever intimamente o galante noivo que lhe dera o braço na Capela do Rosário, após a celebração do casamento, e a se imaginar com ele novamente, na mesma Igreja, de braços dados, entrando na nave, cercados de uma ciranda de meninos para assistir a missa que seria celebrada por Dom José Tupynambá da Frota. E emergindo desse sonho de sua vida feliz, submissa à vontade do Deus de sua fé, já mortificada pela sua viuvez, apontou-me para o lado direito do guarda-roupa, com a mão gorducha, me dizendo: "af

está guardado um documento que comprova terem sido transformadas as minhas bodas de prata em bodas de saudade.”

Na parte superior da Licença nº 1060, expedida em 31 de outubro de 1931, pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, deferindo petição de minha Avó, a que já aludi, lê-se esta Certidão: “Nesta data e na presença de interessado foram exumados os restos mortais inumados do Cerneiro 10.030, da Quadra 12 e entregues ao Sr. Oswaldo Araújo, afim(**sic**) de trasladá-los para o Estado do Ceará. Cemitério São João Batista, 10 de novembro de 1931. Ass. João Miguel Corrêa — Ajudante.”

Em Sobral, Vovó Marphisa e José Maria encerraram a urna definitivamente no túmulo da família. Na placa de granito negro que a reveste vê-se esculpido a frase de resignação cristã que desceu do Gólgota, na hora suprema do martírio do Filho de Deus: **FIAT VOLUNTAS TUA.**

Na manhã de hoje — 30 de setembro de 1982 — data centenária do nascimento de Antônio Mont’Alverne Filho, no Cemitério São José de Sobral, Ruth e eu, representando duas gerações de sua descendência, depositamos as flores da nossa saudade e da nossa veneração no túmulo de Papai Toinho, repetindo o gesto amorável que vem fazendo a Família Mont’Alverne em memória do seu Fundador.

Creio em Deus, na Sua existência e na Sua Onipotência e sei que nada lhe é impossível. Nos desígnios de Sua misericórdia há de permitir que Papai Toinho esteja ouvindo este Memorial da Saudade.

Talvez diga Papai Toinho, contente de nos ver reunidos em Sobral e nesta Fortaleza, na Igreja e agora aqui, nesta noite, na casa de José Lourenço: “Escuta, Marphisa, olha bem, é o Marialva da Mimoso repetindo o meu memorial, que o teu amor por mim lhe ensinou.”

# POESIA